

Minha mulher também se chama Literatura

Sid Summers

Em muito a relação com a literatura se assemelha a relação de um homem com uma mulher. Há quem duvide. Há quem discorde. E eles realmente terão razão. Mas grande parte dos pretensos escritores que conheço comecem as suas trajetórias literárias com uma espécie de corte à musa. Cada qual a sua maneira, de acordo às suas táticas e aptidões naturais. Uns fanáticos de olhos luxuriosos em incessante busca por prazer em prateleiras. Uns se cansam e a abandonam. Rimbaud foi um desses. Outros enlouquecem. É o caso do Burroughs, que morreu considerando que as palavras eram uma doença. Essa não é uma *bad trip* de heroína. Há quem se diga perseguido, uma imposição sem escolha. Um mero escravo das suas vontades.

A grande maioria da poesia que leio, entre os poetas que conheço, é enfadonha. Falta-lhes verve. Suas frases são pouco vigorosas e mal construídas, repletas de imagensinhas mal trabalhadas. Suas propostas, às vezes, são até razoáveis. Falta-lhes apenas talento. Poetas estão entre os mais estranhos seres já catalogados pelos humanos desde Aristóteles. Nem sei em qual gênero encaixar essa espécie. Por falar em caixa, um cadafalso lhes cai bem. E Platão estava lá, pronto para expulsá-los da república. Poetas são uns quase alienígenas. Até para si próprios. Soube de um que era tão apaixonado e doente por essa coisa de poesia e literatura que se masturbava com essas coisas na mente. Ele não tinha ou queria ter um companheiro ou companheira, nem sei se seria capaz de tê-la. Entretanto, era certo, sua libido era toda dirigida à arte e às letras. E por falar em artistas, não existem criaturas mais estranhas. Esses vencem até dos poetas.

Há daqueles que vêm numa discussão no ônibus, sobre viadutos e pontos, seu material necessário. Não se esquecem de tomar nota das corriqueiras conversas alheias, nem nos diálogos conjugais de desconhecidos. E escrevem sem saber se perseguem ou se são perseguidos pela literatura. E escrevem quando deveriam estar comendo ou dormindo, pois seu material basicamente se encontra no ônibus lotado, seu maior convívio social, depois

de uma longa jornada de trabalho onde pensar não é uma possibilidade. Vai saber quê motivos ocultam tais volições estranhas. Esses são os que sofrem de uma espécie de diarréia mental. Quando vem, sai de baixo. Não é do tipo que dá para segurar. Muitas vezes até fede. E quando fede, fede pra caralho.

Eu também escrevo, deu pra perceber. E não é falta do que fazer. Sou um proletário. Um serviçal. Um fudido. Premissas suficientes para a conclusão da loucura ou demência, sei. Eu deveria estar mais preocupado em encher a geladeira que está quase vazia. Quase... Estive pensando no meu temor particular. Como todas suas irmãs musas, ela tem seus desejos e satisfações idiossincráticos. Meu mapa astral... Essa minha lua em câncer que me apedreja o peito inseguro... Tenho medo de ser abandonado pela altaneira mulher descoberta por Apolo. O que seria de mim sem seu nobre toque?

De qualquer modo, por mais paradoxal que pareça, acredito que tive a sorte de conservar a mente sã. O processo é irreversível desde o seu início. Escolhidos que a escolheram. Fieis servos praguejantes. Se tudo não for pretensão em demasia. “Tudo é vaidade” – diz o eclesiastes. Minha sanidade mental se deve a outra imposição. A da realidade. Sou forçado a isso. Meu máximo se resume num devaneio de girafa. Quando erguida, cabeça nas nuvens. Pés no chão para não cair. Contando com a sorte da não rasteira sorradeira, dos ardis do acaso... Por falar em realidade, a mais dura das palmatórias, hoje tive uma notícia. 2013 guarda uma promoção, de “merendeira” para “faxineira”. A pilha de pratos cedeu lugar a algumas latrinas sujas. E sigo sem pretensões de divórcio.